
Especialistas nordestinos na imprensa brasileira: análise desenvolvida a partir da criação do Guia Nordeste de Fontes Jornalísticas¹

Lucas André BEZERRA²

Fabiana MORAES³

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de explorar a aparição de fontes nordestinas especializadas na imprensa comercial brasileira. Discute assim como uma região comumente retratada através dos estereótipos de pobreza e atraso não vê, no ambiente midiático, sua vasta produção científica e intelectual. A pesquisa traz a análise do uso, como fontes, de especialistas de três veículos brasileiros: o Café da Manhã, podcast produzido pela Folha de S. Paulo; o Jornal Nacional, da Rede Globo, e a revista piauí, entre os meses de setembro a dezembro de 2023. A proposta é a criação de um banco de fontes especializadas para ampliar a presença de vozes nordestinas na imprensa brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Nordeste, fontes jornalísticas, especialistas, pluralidade, produção científica

INTRODUÇÃO

A região Nordeste (NE), segunda mais populosa do país, está impressa no repertório dos brasileiros e brasileiras ora como local de fortes tradições e uma “beleza natural”, ora como terra arrasada pela fome e as estiagens. Seus habitantes, nas imagens que circulam midiaticamente, são postos em lugares muito conhecidos: matutos, violentos, cabra-machos, famintos, engraçados⁴. Assim, há um "lugar" no qual nordestinas/os/es parecem supostamente não ocupar: o da racionalidade. Essa perspectiva faz com que vejamos, costumeiramente, nordestinos sendo personagens de reportagens quase todas voltadas para o drama dessas pessoas, e não como fonte jornalística especializada (Cunha e Aleluia, 2021).

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFPE-Centro Acadêmico do Agreste, email: lucas.abezerra@ufpe.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFPE-CAA, email: fabiana.msilva2@ufpe.br

⁴ Maria Amélia Mamede discute sobre esse cenário em *A Construção do Nordeste pela Mídia* (1996), sobretudo no capítulo 3: *As revistas e o Nordeste*.

Esse cenário vai contra a necessária pluralidade nos meios midiáticos, uma vez que a Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece que “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (1948, art. 19).

Sem fontes, o jornalismo não cumpriria sua função inicial, que é noticiar. Ao mesmo tempo que a fonte é peça fundamental para a construção da notícia, ela precisa ter suas afirmações confrontadas por outras fontes a fim de se chegar em um equilíbrio informativo. O ceticismo que se faz necessário na hora da apuração e a rapidez das redações faz com que fontes antes consultadas e assim consideradas confiáveis sejam recorrentemente ouvidas, provocando uma “dependência” (Pereira Junior, 2006, p. 82) de determinados nomes.

Como observaram Cunha e Aleluia (2021) há no Brasil a existência de “fontes de elite”, localizadas principalmente no Sudeste do país, um "cenário que [mais uma vez] coloca em xeque o pressuposto de pluralidade de fontes no jornalismo" (2021, p.1). Apesar de termos uma mudança nos modelos de comunicação, atrelados a convergência digital da mídia e sua democratização (Jenkins, 2009), apesar de o NE ter passado por mudanças econômicas e sociais históricas nas últimas décadas (Trovão, 2019), continuamos a ser, para boa parte do país, o lugar da tradição, de uma essência brasileira, dos costumes antigos que seguem sem modificações. Essa imagem, calcada em parte a partir de nossa própria oligarquia, continua a ser espriada midiaticamente (jornalismo, publicidade, documentários, ficção, literatura, internet, etc).

Tendo em vista essas questões, o *Guia Nordeste de Fontes Jornalísticas* nasce (trabalho do Observatório da Vida Agreste, do curso de Comunicação Social, UFPE, Caruaru). Hoje no Brasil há pelo menos 7 bancos de fontes gratuitos⁵. O primeiro banco de fontes nordestinas⁶ elaborado pela Rede Cajueira foi lançado em novembro de 2023 e tem o contato de mais de dois mil especialistas da região. O site filtra os dados através de áreas de atuação e estados. Nosso projeto se uniu a da Cajueira, que desde o início, tínhamos por objetivo a criação de um guia onde fosse possível filtrar os especialistas por meio de raça e gênero. Somaremos nisso ao banco de fontes da Rede Cajueira. Este

⁵ A Associação de Jornalismo Digital (AJOR) fez um compilado deles. Disponível em: <<https://ajor.org.br/sete-bancos-de-fontes-gratuitos-para-jornalistas/>>.

⁶ Disponível em: <<https://redecajueira.com.br/banco-de-fontes/>>.

artigo apresenta os primeiros passos da criação do guia, seus desafios, resultados preliminares e pesquisas de apoio a fim de entender: o que explica o não aparecimento de especialistas nordestinos na imprensa comercial brasileira?

DE QUEM ESTAMOS FALANDO?

Confirmar uma informação, confrontar uma declaração ou descobrir um novo fato: tudo isso é possível graças a consulta a fontes. É a partir da fonte que o jornalista pode apurar as informações, contextualizar, fazer confirmações para, então, informar o público. Não é à toa que Pinto (2000) comparou as fontes jornalísticas com “as fontes de onde nasce a água pura e fresca” (p. 278), associando a ideia de origem da vida. Uma referência, também, a etimologia que é do latim, fonte: nascente de água.

Ainda no artigo *Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo* (2000), Pinto fala do processo de mitificação de determinadas fontes, da necessidade do distanciamento entre fonte e jornalista/jornal/empresa; sobre suas diferentes categorias, uma vez que as fontes podem ser pessoas, grupos, instituições sociais/institucionais/privadas ou livros, documentos, dados e ainda fala sobre as motivações que levam um jornalista a consultar determinada fonte ou o contrário, pois “se não fosse pelos interessados em ter algo publicado, muitas notícias nunca apareceriam”⁷ (Gomis, 1991, p. 59, tradução nossa).

Por isso, a necessidade de entender os tipos de fontes, suas características e, em consequência, seus “usos”, a fim de tensionar a objetividade e a imparcialidade. Schmitz (2011, p. 23) compilou estudos sobre o assunto e montou um quadro que, segundo ele, representa a dinâmica estabelecida entre os tipos, grupos, classes de fontes e suas nuances.

Matriz de classificação das fontes de notícias (Schmitz, 2011, p. 23)

Categoria	Grupo	Ação	Crédito	Qualificação
Primária Secundária	Oficial Empresarial Institucional	Proativa Ativa Passiva Reativa	Identificada Anônima	Confiável Fidedigna Duvidosa

⁷ “Si no fuere por los interesados en que algo se publique, muchas noticias no aparecerian nunca” (Gomis, 1991, p. 59).

	Popular Notável Testemunhal <i>Especializada</i> Referencial			
--	--	--	--	--

Para esta pesquisa, o que interessa são as fontes especializadas secundárias, aquelas cujo papel é comentar a respeito de acontecimentos e questões controversas a partir de suas concepções, gerando para a reportagem diferentes ângulos para um mesmo tema. Por exemplo: um jornal vai contar sobre a construção de um *resort* no litoral sul da Bahia que atropela as leis ambientais brasileiras. As fontes primárias são os envolvidos e afetados diretamente e seus dados (depoimentos, documentos, áudios, imagens). Nas fontes secundárias, entram os especialistas que comentarão as informações levantadas pelo jornalista, elaborando argumentos vindos a partir de pesquisas, estudos, etc. Proativa/ativa, ou seja, que produzem, anteriormente, dados de interesse jornalístico/público. Identificadas, seus nomes aparecerão. Consideradas confiáveis e fidedignas por motivo de relevância da sua produção/saber (falo mais a respeito nos próximos parágrafos), ligadas ou não a uma entidade. Schmitz (2011) as descreve como:

Trata-se de pessoa de notório saber específico (especialista, perito, intelectual) ou organização detentora de um conhecimento reconhecido. Normalmente está relacionada a uma profissão, especialidade ou área de atuação. Tem a capacidade de analisar as possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos. (Schmitz, 2011, p. 26)

Não se pode perder de vista que fonte e jornalista têm compromisso ou ideológico ou comercial ou político, não pode haver ingenuidade nessa relação. Segundo Santos (1997), muitas vezes, o objetivo de uma fonte/especialista é reforçar a ideia de prestígio dela mesma e a reputação de sua organização. Pereira Junior (2006) lembra que “o acesso à mídia é um poder”. Lage, em *Relacionamento do repórter com as fontes: procedimentos e teorias* (2000) acrescenta que “fontes oficiais falseiam a realidade”, sonégam informações, destacam aspectos que convêm, alegam dificuldades inexistentes, mentem também por desleixo e preguiça (p. 10).

Outro ponto, esse observado por Sponholz (2008), refere-se aos critérios que norteiam a escolha do jornalista por determinado especialista. O grau de expertise ou de conhecimento naquele assunto, medido pela relevância da sua produção científica, não seria, segundo a autora, suficiente para validar sua contribuição na matéria/reportagem, mas sim, sua “vinculação institucional e a sua posição dentro da hierarquia de uma instituição” (2008, p. 597).

Pensar nesses pontos dentro do Brasil é questionar-se a respeito de onde se localiza a produção científica considerada confiável, quem são os “*expert*” e por que. Como veremos a seguir, o artigo *Verificados: fontes jornalísticas privilegiadas no Twitter* (2021), escrito por Rodrigo Cunha e Débora Aleluia, nos dá uma resposta.

AS “FONTES DE ELITE” NO BRASIL

As “fontes de elite” (Ekström e Westlund, 2019, p. 7 *apud* Cunha e Aleluia, 2021, p. 2) estão relacionadas, na pesquisa citada, às contas de pessoas verificadas no Twitter, atual X, pelo fator relevância daquele indivíduo na sua área de atuação⁸, uma vez que suas opiniões geram engajamento e movimentam os assuntos mais comentados do dia, e por este motivo, são consideradas boas fontes.

A pesquisa feita por Cunha e Aleluia (2021) faz um mapa das “fontes de elite” brasileiras. Até 31 de maio de 2021, havia 8.467 contas verificadas no Brasil, dessas, 1.477 não continham informações geográficas específicas, restando 6.992 perfis para análise (p. 9). Os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e o Distrito Federal ocupam o topo da lista com 2.403, 1.203 e 461, respectivamente, das contas verificadas, seguidos por Minas Gerais, 304, e Rio Grande do Sul, 265. Os 9 estados do Nordeste e os 7 estados do Norte somam juntos 12%: Bahia, 125, Ceará, 92 e Pará, 57 (p. 10).

Durval Muniz aponta uma resposta para esses dados. No livro *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar* (2012), ele identifica os elementos que formam a região Nordeste: o sentido de pátria e identidade nacional, a dicotomia entre modernidade e o atraso, diretamente ligadas à construção do Estado-Nação que consolidou no imaginário coletivo, ao longo do tempo, os papéis dos pertencentes à

⁸ No início de 2023, após a empresa ter sido comprada por Elon Musk, essa lógica mudou. Desde então, é possível comprar o selo de verificado mesmo não sendo relevante em nenhuma área ou na própria rede social, como no caso de influenciadores e artistas.

elite e dos pertencentes à plebe, assim como os papéis dos trabalhadores e dos preguiçosos, dos que ajudam e dos que são ajudados. Durval fala de regiões que, entre outras coisas, receberam mais incentivos financeiros que outras.

A fixação desse imaginário se deu, também através da repetição de peças midiáticas sudestinas e também, nordestinas. Amélia Mamede junta recortes dessa história em sua tese: *A construção do Nordeste pela mídia* (1996). Livros como *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha, *Casa Grande e Senzala* (1933) de Gilberto Freyre e o chamado Romance do Nordeste, fundiam “o Nordeste de glória e a fatalidade de um destino cruel” (Mamede, 1996, p. 58), atrelado, por exemplo, às imagens do fotógrafo Joaquim Antônio Corrêa que percorriam São Paulo e Rio de Janeiro dos flagelados da seca de 1877 no Ceará.

Discuto mais a frente como o imaginário se mantém até hoje, mesmo sutil, em redações progressistas. Dito isso, é necessário entender como o X tornou-se uma ferramenta utilizada por diferentes jornalistas.

Segundo Ekström e Westlund (2019), as redes sociais geraram mudanças não só na maneira como a audiência consome as notícias, mas também, na maneira como são produzidas, mudando a epistemologia da notícia.

As empresas de mídia noticiosa têm recorrido às plataformas digitais para aumentar seu tráfego geral, apropriando-se de funções que permitem aos usuários compartilhar e interagir com as notícias nas redes sociais. Além disso, têm se envolvido em otimização de mídia social (SMO) — semelhante à otimização para mecanismos de busca (SEO) — para gerar o maior volume de tráfego possível. Ademais, as organizações de notícias têm contratado editores de mídias sociais que adaptam ativamente seu conteúdo para publicá-lo em um conjunto diversificado de plataformas de mídia social não proprietárias. Esses editores monitoram continuamente o fluxo de notícias sendo publicadas, e então selecionam, editam e publicam o que consideram apropriado (ou seja, 'compartilhável') para ser veiculado nas contas de social media das organizações em plataformas não proprietárias. (Ekström e Westlund, 2019, p. 4, tradução nossa)⁹

⁹ “News media firms have turned to platform companies to increase their overall traffic, have appropriated functions that enable users to share news on social media platforms and interact with the news, and have engaged in social media optimization (SMO)—similar to search engine optimization for search—for generating as much traffic volume as possible. Furthermore, news organizations have hired social media editors who actively adapt their news content to publish it on a diverse set of non-proprietary social media platforms. These editors continuously oversee the flow of news being published, and then select, edit, and publish what they consider appropriate (read ‘sharable’) for publishing on the news media’s social media accounts on nonproprietary platforms”. (Ekström; Westlund, 2019, p. 4)

A demanda por conteúdos instantâneos - leia-se virais - de empresas de notícias, exige que o jornalista execute um equilíbrio. Enquanto se desloca, pensa nas perguntas, enquanto pergunta, pensa no título, enquanto se desloca novamente, pesquisa um especialista, enquanto já começa a escrever o texto, busca seu contato, liga enquanto se aproxima do local da nova entrevista. Não há novidade nessa rotina. A novidade é comentada por Matheus Santos, correspondente da Folha de São Paulo em Pernambuco, que, em entrevista concedida a nós, diz: “Tenho uma planilha própria envolvendo várias áreas”.

A busca por especialistas - “negros, mulheres e pessoas pertencentes a outras minorias sociais” (Matheus Santos, em entrevista) - tem demandado de repórteres brasileiros manobras próprias. Matheus, citado acima, acrescenta que é nas redes sociais / internet que faz buscas por novos pesquisadores. Foi nesse contexto que o X surgiu como alternativa fácil para buscar fontes especializadas.

ANÁLISE DE 3 VEÍCULOS

De forma complementar, dentro da disciplina Técnicas de Entrevista e Reportagem, ministrada por Fabiana Moraes, realizamos uma análise de três veículos noticiosos nacionais. Durante duas semanas - 20 de novembro a 05 de dezembro de 2023 - os conteúdos do Jornal Nacional (JN) da Globo e do podcast Café da Manhã, produzido pela Folha de São Paulo, além da leitura de três edições da Revista Piauí - setembro, outubro e novembro de 2023. O objetivo: analisar os especialistas ouvidos por esses veículos. Quando comparamos a quantidade de especialistas ouvidos, chegamos ao seguinte resultado:

No JN, 41 especialistas foram entrevistados, entre 20 de novembro a 02 de dezembro, sobre os mais diversos temas. Um deles é nordestino: o baiano e presidente da Safernet Brasil, Thiago Tavares. Dos 40 restantes, 20 são de São Paulo, 5 do Rio de Janeiro, 3 do Rio Grande do Sul, 3 do Amazonas, 3 do Distrito Federal, 2 do Pará, 2 de Minas Gerais e outros 2 especialistas são estrangeiros. A aparição de nordestinos no JN está muito relacionada a figuras políticas, como no caso de Flávio Dino, então Ministro da Justiça, e o Presidente da República, Lula. Nas duas semanas analisadas, o Nordeste foi citado em quatro momentos: o primeiro, no dia 20 de novembro, quando um

incêndio destruiu quase 300 hectares no sul da Bahia. O segundo, no dia 23 de novembro, quando, ao citar um grupo de 30 pessoas presas em São Paulo por tráfico de drogas, a matéria chama atenção para 5 mulheres que vieram de estados do NE enganadas com falsas propostas de emprego. Os terceiro e quarto momentos foram relativos ao maior desastre ambiental urbano do país, o afundamento de 5 bairros provocado pela Braskem, ao explorar sal gema em Maceió.

No Café da Manhã, onde, normalmente, 1 especialista é ouvido por episódio¹⁰, nenhum especialista nordestino foi entrevistado nos 10 episódios entre 22 de novembro e 05 de dezembro. São 6 de São Paulo, 2 de Minas Gerais, 1 do Rio de Janeiro, 1 de Santa Catarina e 1 do Paraná. No episódio *Desastre em Maceió: como uma cidade afunda?*, do dia 05 de dezembro, o podcast aborda o afundamento de uma mina no bairro de Bom Parto, em Maceió, provocado pela exploração de sal gema. O podcast ouve um morador do local, mas o especialista entrevistado do episódio é um paulistano, Edilson Pizzato, professor de Geociências da Universidade de São Paulo (USP).

Já nas 3 edições da piauí, 12 especialistas nordestinos foram entrevistados. Na reportagem *O Empreendimento*, de Bernardo Esteves (edição de novembro, 2023), 7 nordestinos foram ouvidos como fontes primárias. No texto, são exploradas as controvérsias a respeito da construção do condomínio mais caro do Brasil no litoral da Bahia. Moradores e pesquisadores nordestinos são utilizados como testemunhas oculares ou têm seus trabalhos para confirmar fatos históricos, como é o caso de Leonardo Fiusa Wanderley. O que chama atenção é que logo após as contextualizações a respeito do empreendimento, financiadores envolvidos, pessoas afetadas e região, o texto demarca que o assunto está mobilizando ambientalistas e cientistas e passa a listar ponderações de 4 especialistas sudestinos/sulistas sobre o assunto.

Esses exemplos fortalecem a percepção de que a imprensa brasileira leva em conta critérios outros na hora de escolher suas fontes/especialistas, mesmo quando o tema discutido está diretamente relacionado a um dos estados da região.

A credibilidade de uma fonte é a explicação rápida que muitos veículos utilizam para suas escolhas. Em entrevista concedida a nós, o diretor de redação da piauí, André Petry, falou sobre os critérios que norteiam a escolha das fontes na revista: "Não trabalhamos com apenas um critério, mas há dois aspectos incontornáveis: o

¹⁰ Nos episódios do dia 27 de novembro e 04 de dezembro, dois especialistas foram ouvidos em cada episódio.

conhecimento da fonte sobre o assunto da reportagem e sua credibilidade. Sem esses atributos mínimos, uma fonte não é uma fonte”.

Se faz necessário, aqui, retomar a quem foi e é atribuída a credibilidade, que quer dizer, racionalidade. Euclides da Cunha, ao reportar a Guerra de Canudos para o *Estado de S. Paulo*, descreve o então Norte como “lento, bagunçado, menos progressista com rotinas ‘amorfas e imóveis” (Neves, 2022, p. 46 *apud* Moraes, 2022, p. 29) e seus habitantes como desgraciosos, desengonçados e tortos, refletindo no aspecto a fealdade típica dos fracos (p. 51). Enquanto descreve o Sul como “um lugar de maior organização, com um povo mais homogêneo (branco), mais ativo e mais propenso ao sucesso” (Neves, 2022, p. 46 *apud* Moraes, 2022, p. 29).

Moraes, em *A Pauta é uma arma de combate* (2022), relembra a reiterada e recorrente agenda de pautas que orbitam os temas “terra dos pobres, dos ingênuos, dos tradicionais, dos fortes, dos resilientes, dos que não sabem votar, dos famintos, dos que esperam a ajuda, dos fracos” (p. 71) não para no século 19. *O Diário da Noite* de São Paulo e o seu cenário utilizado para apresentar os migrantes, sobretudo nordestinos em 1950: “a fome, a doença, a miséria e a morte” (p. 72). A capa da edição de maio de 1988 da revista *Veja*: menino raquítico de 6 anos, sem camisa, come arroz e feijão doados por uma prefeitura próxima. A manchete: A fome no nordeste - “Ainda bem que não tenho que comer calango” (p. 73). Em 2004, a popularização do termo “bolsa-esmola” (p. 78), para se referir ao Bolsa-Família e seus beneficiários classificados pelo leitor/espectador como “coitados”, “analfabetos” e “ignorantes” (p. 75). A alusão direta de nordestinos à irracionalidade: em 24 de setembro de 2018, a Folha de S. Paulo publica a matéria *No coração lulista, Haddad é só um número de nome Adraike, Radarde ou Alade*¹¹ (p. 74). Em 03 de setembro de 2022, a CNN Brasil publica *Lula venceu em 9 dos 10 estados com maior taxa de analfabetismo*¹². Em 24 de maio de 2024, o Deputado Federal Gustavo Gayer (PL - Goiás), em evento na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, justificou o resultado da última eleição presidencial comparando os nordestinos a galinhas. “Como eles conseguiram colocar essa população maravilhosa nesse calabouço ideológico? Só olhar para o IDEB¹³ da

¹¹ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/no-coracao-lulista-haddad-e-so-um-numero-de-nome-adraike-radarde-ou-alade.shtml>>.

¹² Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/disputa-nos-estados-com-maior-taxa-de-analfabetismo/>>.

¹³ IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

Bahia, é só olhar para o IDEB do Nordeste. O nível de analfabetização do Maranhão, dos estados do Nordeste” (Gayer, 2024)¹⁴.

Moraes descreve essas ações como “estratégias de manutenção de poder: é preciso mostrar a debilidade de uma população para poder elencar continuamente quem serão os heróis para salvá-la” (2019, p. 40), ou seja, o uso da explicação da credibilidade, atrelada a lógica da objetividade que não examina suas práticas é o combustível que mantém aceso o status quo, mesmo quando se trata de veículos progressistas.

Perguntado sobre o não aparecimento costumeiro de especialistas nordestinos até mesmo em temas relacionados ao NE, André Petry concorda que esse cenário pode reforçar a relação entre a não produção de conhecimento e o NE.

Embora seja importante também que pesquisadores de diferentes partes do país sejam ouvidos não apenas em questões de sua região, mas em outros temas de dimensão nacional ou universal. De todo modo, a piauí não considera que exclui fontes nordestinas sobre temas nordestinos”. (Petry, 2024).

O caso da Braskem, já citado, revela ainda um outro aspecto da relação entre a mídia comercial brasileira, localizada no centro Rio-São-Paulo-Brasília, e o Nordeste: a demora em noticiar os acontecimentos. Os primeiros tremores sentidos pelos moradores do bairro de Pinheiros em Maceió aconteceram em março de 2018. Desde então, a imprensa decidiu cobrir outras questões relacionadas a Braskem, como a saúde financeira da empresa em julho de 2020 pelo Valor Econômico¹⁵ ou as negociações de compra de ações da empresa, divulgadas em julho de 2023 pelo UOL¹⁶. Uma linha cronológica com mais informações foi montada pela jornalista e pesquisadora do Observatório da Ética Jornalística (objETHOS) Sílvia Meirelles Leite, e publicada na Brasil de Fato em dezembro do ano passado. A manchete diz: *O caso Braskem: a*

¹⁴ É possível assistir a fala na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=IhuISm2_PNw>.

¹⁵ Disponível em:

<<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/07/09/analise-conta-da-braskem-em-alagoas-vai-a-r-5-bi-e-deve-crescer-mais.ghtml>>.

¹⁶ Disponível em:

<<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2023/07/12/novonor-confirma-a-braskem-que-recebeu-oferta-de-r10-bi-da-jf.htm>>.

*importância do jornalismo denunciar as grandes empresas*¹⁷. O que explica a demora em noticiar? Por que, então, não é costumeiro observar especialistas nordestinos na mídia comercial? Uma coisa é possível afirmar: não é por falta de especialista nordestino.

A CONSTRUÇÃO DE UM GUIA DE FONTES NORDESTINAS

Nosso levantamento para a construção do *Guia Nordeste de Fontes Jornalísticas* começa por universidades interiorizadas como forma de destacar que a produção científica nordestina deixou de residir apenas nas capitais. Os dados coletados de 6 universidades, até o momento, demonstram as diversas áreas de atuação de 583 especialistas. Este levantamento é a base para a construção do guia, que tem como objetivo a criação de um banco de fonte (especializada) nordestino onde seja possível, inicialmente, filtrá-lo através de raça e gênero.

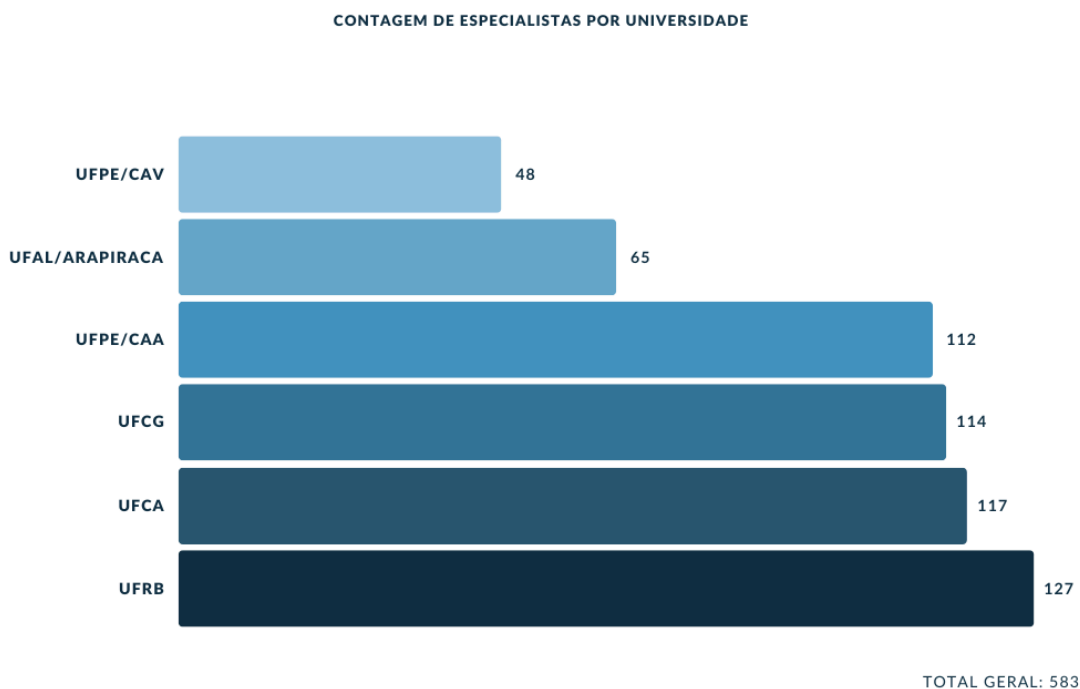
Logo na idealização do projeto, sabíamos que a pesquisa manual seria nosso maior desafio. Por isso, contamos com o auxílio de integrantes do Observatório da Vida Agreste: Janniny Nascimento e Karol Santiago levantaram os dados através da lista de docentes de pós-graduação e doutorado, disponíveis nos sites das universidades e anexaram, manualmente, em planilhas. Tiago Henrique, jornalista e analista de dados, somou na organização das planilhas e na orientação de como apresentar os resultados primários. O critério utilizado para identificar os especialistas é seu atual domicílio profissional.

A colaboração de Tiago Henrique visa também desenvolver um robô que fará a coleta e organização dos dados em tabela, retirando diretamente da plataforma Lattes. Até o momento, obtivemos o acesso aos dados de docentes apenas de Pernambuco, com o qual já estamos trabalhando. Ao mesmo tempo, Janniny e Karol coletaram os dados dos campus: Centro Acadêmico do Agreste (CAA), Centro Acadêmico de Vitória (CAV), ambos ligados a Universidade Federal de Pernambuco; Campus de Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); e das UFs: Universidade Federal de Campina

¹⁷ Disponível em:
<<https://www.brasildefato.com.br/2023/12/12/o-caso-braskem-a-importancia-do-jornalismo-denunciar-as-grandes-em-presas>>.

Grande (UFCG); Universidade Federal do Cariri (UFCA) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É possível observar os resultados no gráfico 1.

Gráfico 1: Quantidade total de especialista por Campus / Universidade



A seguir, as duas maiores porcentagens de especialista e suas áreas por campus / universidade:

Centro Acadêmico do Agreste (UFPE)

Educação em Ciência e Matemática	19%
Engenharia Civil e Ambiental	17%

Centro Acadêmico de Vitória (CAV)

Ensino de Biologia	45%
Nutrição, Atividade Física e Plasticidade Fenotípica	33%

Universidade Federal de Alagoas / Campus Arapiraca

Gestão em Meio Ambiente	38%
Ensino e Formação de Professores	26%

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

História	23%
Linguagem e Ensino	20%

Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Bioquímica e Biologia Molecular	12%
Gestão Financeira EaD	11%

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Ciências Agrárias	26%
Saúde da população negra e indígena	16%

A presença de quase 50% de especialistas no ensino de biologia no CAV chama atenção para os projetos desenvolvidos de ensino, sobretudo, pesquisas sobre a inclusão sócio-educacional. Uma delas é a criação de metodologias de ensino para pessoas cegas e surdas que estão em espaços incluídos na escola. Outra analisa a sexualidade de pessoas com deficiência, que visa entender como são os dispositivos de corpos de desejo, de ser desejado, da libido e do reconhecimento do outro. Assim como uma pesquisa que tensiona os conceitos de inclusão, chamando de inclusão não só a pessoa com deficiência, mas todos os outros corpos que não atendem aos padrões, como de pessoas LGBTQIAPN+, pessoas afrodescendentes e indígenas, pessoas gordas e da terceira idade.

Um outro número que chama atenção é da UFAL/Arapiraca, que conta com 38% de seus especialistas em Gestão em Meio Ambiente. Um dos objetivos do curso é desenvolver no discente habilidades e competências voltadas à problemática ambiental, na busca de soluções e mitigação de problemas de forma objetiva e sistêmica. Em março de 2024, Arapiraca, 127 km de Maceió, recebeu o selo Tree Cities, da ONU, de

sustentabilidade, única cidade de Alagoas a receber o selo, 4º no Nordeste e 21º no Brasil.

CONCLUSÃO

O cenário apresentado aponta para a necessidade de veículos de notícias avaliarem os limites da pluralidade. A análise das práticas jornalísticas dos veículos estudados, revela um desequilíbrio significativo na escolha de especialistas, sobressaindo a predominância do uso de fontes especializadas da região Sudeste do país. Os dados preliminares levantados de universidades interiorizadas reforçam uma realidade conhecida: a vasta diversidade e competência de especialistas nordestinos e que o não aparecimento desses especialistas na mídia comercial se deve a uma falha no processo de seleção e valorização de fontes.

O *Guia Nordeste de Fontes Jornalísticas* será o lugar onde comunicadores de todo país poderão acessar especialistas nordestinos de forma rápida. A construção deste guia é contínua e visa se tornar uma ferramenta eficaz para a mídia nacional, não apenas no âmbito jornalístico, por isso, é importante destacar que esta pesquisa não está concluída. O guia continuará a ser montado de forma progressiva, incluindo mais universidades e especialistas. O próximo passo é o desenvolvimento de tecnologia para automação da coleta de dados. Nosso objetivo é contribuir para um jornalismo diverso.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012.

CUNHA, Rodrigo; ALELUIA, Débora. Verificados: fontes jornalísticas privilegiadas no Twitter. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Recife, 2021. Disponível em:
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt5-cd/rodrigo-cunha.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2024.

EKSTRÖM, Mats; WESTLUND, Oscar. The Dislocation of News Journalism: a conceptual framework for the study of epistemologies of digital journalism. *Media And Communication*, [S.L.], v. 7, n. 1, p. 259-270, 21 mar. 2019. Cogitatio. Disponível em:
<http://dx.doi.org/10.17645/mac.v7i1.1763>.

GOMIS; Lorenzo (1991) – Teoría del Periodismo: Cómo se Forma el Presente. Barcelona: Paidós.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

LAGE, Nilson. *Relacionamento do repórter com as fontes: procedimentos e teorias*. Biblioteca Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2000. p. 1-15. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2000/papers/relacionamento-do-reporter-com-as-fontes--procedimentos-e-teoria?lang=pt-br>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MAMEDE, Maria Amélia. *A construção do Nordeste pela mídia*. Fortaleza, SECULT, 1996.

MORAES, Fabiana. **A Pauta É Uma Arma de Combate**: Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. 1. ed. Porto Alegre, RS: Arquipélago, 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A Apuração da Notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PETRY, André. Depoimento [mar. de 2024]. Entrevistador. Lucas Bezerra. Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, 2024. Questionário eletrônico (4 questões). Entrevista concedida a pesquisa sobre o uso de fontes na revista piauí.

PINTO, M. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. *Comunicação e Sociedade*, v. 14, n. 1-2, Braga, 2000, p. 277-294. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242300336_Fontes_Jornalisticas_contributos_para_o_mapeamento_do_campo. Acesso em: 01 mai. 2024.

SANTOS, Matheus. Depoimento [mai. de 2024]. Entrevistador. Lucas Bezerra. Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, 2024. Questionário eletrônico (4 questões). Entrevista concedida a pesquisa sobre sua rotina de trabalho na Folha de S. Paulo.

SANTOS, R. *A Negociação entre Jornalistas e Fontes*. Coimbra: Minerva, 1997.

SCHMITZ, A. A. *Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo*. Florianópolis: Combook, 2011.

SPONHOLZ, Liriam. **Neutralizando conhecimento**: como jornalistas lidam com experts. *Sociedade e Estado*, v23, n.3, p. 591-619, 2008.

TROVÃO, CASSIANO JOSÉ BEZERRA MARQUES ; ARAÚJO, J. B. ; MONTENEGRO, R. F. . *Economia, Trabalho e Renda no Nordeste brasileiro do Início do Século XXI*. RDE. *Revista de Desenvolvimento Econômico*, v. 1, p. 134-160, 2019.